

Coisas do Coração

(Aprendendo a Aprender)

Nilton Giese

*Todo está dicho ya,
pero lo que se dice con el corazón,
es nuevo.
(José Martí.)*

1. Introdução

Há mais ou menos 30 anos a teologia da libertação (TdL) vem defendendo uma mudança fundamental na maneira de entender e conceber a Deus e a experiência na vida com esse Deus. Essa mudança foi também expressa numa nova linguagem teológica que fala do Deus compassivo, daquele que ouve o clamor dos pobres, do Deus de coração quebrantado pela dor e pelo sofrimento dos seres humanos e de toda a criação. Tal linguagem fala do Deus que se aproxima dos pobres como amigo, em solidariedade com eles. Fala do Deus amigo dos escravos e oprimidos, dizendo que o rosto de Deus pode ser visto no rosto do homem e da mulher pobre e que Jesus de Nazaré se identificou com os proscritos. Conforme essa linguagem, esse Deus é conhecido pelos pobres e excluídos como fonte de vida e de esperança, de coragem e até de gozo no meio da dor e da perseguição.

Como protestantes luteranos/as, herdeiros/as da Reforma, nos sentimos muito à vontade nessa nova linguagem teológica e na prática pastoral engajada, pois confessamos que o Deus misericordioso oferece perdão e graça para transformar a vida de todos/as os/as que ouvem a Palavra e crêem na promessa apresentada por ela e pelos sacramentos. Tudo isso é oferecido gratuitamente. Não é necessário que nenhuma pessoa ou instituição seja mediadora dessa graça. Portanto, a autoridade da Igreja não está na sua aparência visível, mas sim na palavra de Deus. Como anunciadora dessa mensagem de perdão e do amor de Deus, qualquer pessoa se converte em sacerdote/isa. Cada pessoa é “um Cristo para o próximo”, capaz de apresentar-se diante de Deus, proclamar o perdão, orar por outros/as e ensinar-lhes as coisas de Deus. Pois, ao ser solidários/as com quem sofre, estaremos atualizando o amor de Cristo no mundo. E o amor é o fundamento e a vocação mais alta do cristão.

Na prática pastoral anunciamos que Jesus está presente em nosso mundo como um pobre ser humano, identificado com os proscritos, com a finalidade de curá-los e dar-lhes vida. Por isso, temos que dar ao reino de Deus a mesma importância que Jesus lhe deu através de sua vida e de seus ensinamentos. Isso porque esse reino de Deus representa uma nova ordem na qual os excluídos são incluídos, os que não têm valor na sociedade são exaltados e aqueles a quem a vida foi negada a conhecerão em plenitude. O Reino pertence aos perdidos, destina-se aos pobres (Lc 4.6-7; Gl 2.10). A missão da Igreja é a de anunciar e trazer esse reino para dentro do mundo (Mt 6.25-34). Essa missão da Igreja tem um caráter profético, pastoral e sacerdotal: anunciar o Reino significa denunciar, educar, conscientizar, orientar e celebrar o mistério de Cristo na vida do povo.

2. As Novas Mudanças no Mundo

Nos últimos anos o mundo mudou profundamente. Tivemos a invasão norte-americana do Panamá (dezembro de 1989), a derrota do governo sandinista nas eleições de 1990 na Nicarágua, a derrubada do muro de Berlim, o massacre dos seis padres jesuítas em El Salvador (16/11/89), a *perestroika* na URSS e a consequente crise do socialismo real no leste europeu. A festa da vitória do capitalismo sobre o socialismo foi feita no Iraque em janeiro de 1991. Trata-se da Guerra do Golfo, também chamada de a Primeira Grande Guerra contra o Terceiro Mundo. Com essa guerra o governo dos Estados Unidos impôs ao mundo inteiro sua hegemonia militar. No terreno militar o imperialismo provou que é invencível.

A nova situação histórica internacional transformou fundamentalmente o sistema de dominação. O capitalismo se apresenta hoje como a única alternativa para toda a humanidade. Antes ele tinha de competir com o socialismo real, tinha de preocupar-se em mostrar um rosto humano e realizar políticas de desenvolvimento no Terceiro Mundo, para que os pobres não preferissem o socialismo. Agora não. Já não existem mais competidores. Desta forma, nasce o capitalismo totalitário, selvagem, sem rosto humano, rebatizado de neoliberalismo.

Nos anos 60 e 70 os antagonismos e as bandeiras se definiam em termos de desenvolvimento *versus* libertação. O desenvolvimento proposto pelo imperialismo ianque deixava os países da América Latina em total dependência. Por isso, o conceito "libertação" foi utilizado para construir um modelo de desenvolvimento autônomo, não-dependente. Assim, também a teologia passou de um modelo de dependência européia para um modelo de teologia da libertação.

Na atual situação já não tem sentido o modelo desenvolvimento *versus* libertação. Agora a contradição radical é vida-morte. O capitalismo abandona suas políticas de reforma, de desenvolvimento. Agora, o capitalismo só vai reformar e investir no desenvolvimento dos setores do Terceiro Mundo que lhe interessam de imediato, deixando os demais numa situação de abandono e miséria. O mundo rico

não precisa mais da população do Terceiro Mundo. Ele precisa da nossa natureza, para explorar os seus recursos naturais, para desenvolver o turismo ou depositar os seus lixos tóxicos, mas não precisa da imensa maioria de nossa população.

No caso do Brasil, dos 150 milhões de habitantes, apenas 40 milhões podem ter acesso ao mercado e ao consumo regular. Os outros 110 milhões não interessam ao neoliberalismo. São população sobrando. Por isso, não interessa investir em fontes de trabalho, em saúde pública, em educação, em habitação, em reforma agrária... Começa, assim, um processo de empobrecimento e deterioração total em que o limite é a morte. Por isso, o sistema deve se preparar para eliminar essa população deteriorada. Surgem aí os esquadrões da morte, que assassinam crianças de rua, detentos, sem-terras, enfim, todas as pessoas que, para o sistema, representam uma ameaça, como fonte de ladrões, de epidemias contagiosas (cólera, AIDS, lepra...). Os meios de comunicação e seus programas sencionalistas criam um consenso de que a morte dos sobrantes deve ser uma morte desejada pelo perigo que representam para a economia de mercado.

A realidade mudou e a teologia também deve mudar. A TdL deve permanecer fiel à sua metodologia original, a de ser teologia a partir e sobre a práxis. É sobre os desafios dessa nova realidade que Deus nos pede uma resposta de fé.

Lembre-mos que a TdL não foi criticada ou combatida porque falava de libertação, ou por seus temas políticos, mas sim porque refletia sobre Deus a partir dos pobres, a partir da vida e da justiça ameaçadas. A TdL soube descobrir a inquietude da presença do Deus da Vida na vida dos oprimidos. Igualmente denunciou a ausência de Deus no mundo opressor da cultura ocidental cristã.

Portanto, essa estrutura básica da TdL, a de ser uma reflexão crítica e sistemática sobre a experiência de Deus no meio dos pobres, isso deveria seguir mantendo-se. Afinal, hoje mais do que nunca Deus se faz presente e se revela de maneira privilegiada no mundo dos oprimidos e em suas lutas pela vida.

3. Avaliar antes de Retomar a Caminhada

1. O primeiro momento é o de avaliar a situação. E para isso é preciso começar do mais essencial. A nova realidade nos fez perder o consenso semântico e utópico. De repente descobrimos que não nos entendemos mais. Agora é preciso explicar palavras, conceitos, bases teológicas que antes não precisavam de explicação. E quanto mais se explica, mais complicado fica.

2. Precisamos também confessar que as boas novas para os pobres, assim como nós as temos anunciado, não foram tão atrativas para eles. De repente nos damos conta de que os pobres têm outras necessidades religiosas que nós não imaginávamos. Por isso, eles estão enchendo outras igrejas. As igrejas “da prosperidade”, que falam de um “deus que abençoa com prosperidade”, são essas que atraem os pobres. Por que isso é assim?

3. Nos dias de hoje, vemos que o povo abandonado e empobrecido está compreendendo cada vez mais que já não pode contar com a ajuda das grandes instituições da nossa sociedade moderna para a solução de seus problemas, criados por essa mesma sociedade. Evidenciam-se uma crescente falta de confiança, uma profunda crise de legitimidade em todas as instituições e nas elites que as dirigem. No campo político, por exemplo, há desconfiança em relação aos processos eleitorais, assim como aos movimentos sindicais, aos partidos políticos (seja de esquerda ou de direita). Há uma perda de confiança em relação aos governos, do municipal até o federal. Os valores tradicionais de organização da comunidade estão cada vez mais desintegrados. Para os pobres, a “ordem estabelecida” é a grande “desordem estabelecida”, um processo contínuo de desintegração. Essa desintegração social tem criado também um novo espaço para a reconstrução da sociedade. Os pobres estão se conscientizando de que eles mesmos são os sujeitos de sua história, que eles têm suas próprias maneiras de pensar, de ser, de atuar. Mas isso está acontecendo de uma forma totalmente diferente daquela que imaginávamos.

4. Alguns antropólogos estão chamando a atenção para o fato de que os pobres representam uma cultura oral. Essa cultura oral dá pouca importância aos processos de raciocínio de tipo lógico ou formal. Ela não funciona com estruturas de análise social ou com sistemas de pensamento teórico. As vidas dos pobres não se organizam por modelos que dependem da palavra escrita. *Para os pobres, a sociedade funciona mais como um organismo do que como uma organização.* Também a religião é entendida assim. Entra aqui o critério da funcionalidade, ou seja, “para que serve isso?”.

5. Os/As que estivemos dentro do movimento popular e dentro das comunidades pudemos sentir muitas vezes que uma opção pelos pobres e, por conseguinte, um movimento para os pobres, que significa compromisso, identificação, solidariedade... pode perder-se antes de chegar aos pobres. Pudemos ver que muitas organizações entraram nesse esquema de institucionalizar-se. Foram montadas estruturas burocráticas para trabalhar pelos pobres, que acabam necessitando de tanto dinheiro e energia para sustentar-se que acabou chegando muito pouco aos pobres. Tem ONG (organização não-governamental) criada para trabalhar com os pobres, e o único que fazem é financiar algum projeto, sem o acompanhar, visitando-o somente quando é necessário fazer relatórios e mostrar fotografias para as agências financiadoras. Essas ONGs vivem mais *dos* pobres que *para* os pobres.

Para ilustrar isso tem aquela história da mãe que foi visitar o filho que trabalhava pelos pobres na capital. O filho manda uma passagem de avião para a mãe. A mãe tem medo de viajar de avião, mas o filho a tranquiliza dizendo que é o transporte mais seguro e que ele já está até cansado de viajar de avião por causa do seu trabalho pelos pobres. Quando a mãe chega no aeroporto da capital, o filho a está esperando com seu Mitsubishi tração dupla, equipado com ar condicionado e CD. A mãe se admira, mas o filho explica: “É que eu preciso dele

para trabalhar pelos pobres.” Depois chegam a um tremendo casarão, numa área residencial de classe média-alta. A mãe outra vez se admira, e o filho explica: “É que eu preciso de um lugar tranqüilo onde descansar para poder trabalhar pelos pobres.” Depois, vem a hora do almoço. A mãe não conhece muitos dos alimentos que estão sobre a mesa. Coisas que se compram em lugares especializados. A mãe se admira, mas o filho explica: “É que eu preciso estar bem alimentado para não adoecer e assim poder trabalhar pelos pobres.” O filho, então, quer começar a comer, mas a mãe o interrompe dizendo: “Rezemos antes de comer, meu filho, e peçamos a Deus que nunca acabe com os pobres, porque senão acaba tudo isso.”

6. Outra autocritica é que nossa mensagem pode ter sido mais atrativa para as elites entre os pobres do que para os pobres em geral. Se chamamos para uma reunião os/as que têm maior interesse em transformar sua situação, temos visto que aparece apenas uma pequena minoria. E essa pequena minoria, ao participar de nossas análises sociais, acaba se afastando ainda mais da grande maioria dos pobres, em vez de aproximar-se deles; pois essa pequena minoria tem mais interesse em formar comunidade conosco e com outros/as como nós do que em seguir na ampliação do círculo dos “conscientizados”.

7. Outra questão importante é que a maioria dos programas de formação de líderes que fazemos — retiros, cursos, oficinas e outras atividades similares — requerem gastos que os pobres não podem assumir, demandam tempo que os pobres não têm e tendem a separá-los do resto da comunidade, porque depois desses programas de formação eles/as começam a falar o que seus vizinhos não entendem. O resultado disso é que os/as que se reúnem conosco se sentem satisfeitos/as em formar parte do nosso grupo. Ao mesmo tempo, aqueles/as que não se reúnem conosco não se sentem satisfeitos/as conosco e desconfiam de nós e do nosso grupo.

8. Quanto às boas novas que anunciamos, pode ser que, tal como nós as articulamos, elas tenham sido alheias à visão religiosa daqueles/as a quem as anunciamos. Quantos/as de nós conseguimos identificar-nos com os pobres de forma significativa, ao ponto de conhecermos o seu mundo e suas relações? Alguma vez nos preocupamos em saber como o pobre expressa a sua fé e como funciona a religião na sua vida quotidiana? Entusiasmamo-nos tanto com nossa linguagem teológica que nem nos demos conta de que os pobres não a entenderam e aqueles que a entenderam acabaram por sentir-se mais inseguros em sua fé e, por isso, se defendem de nós com o antigo fundamentalismo bíblico.

9. Até que ponto conseguimos criar condições para que os pobres estudem a Bíblia desde sua perspectiva, para que nos digam o que descobrem nela? O que chamamos de formação bíblica, não tem sido, em muitos casos, palestras e palestras para comunicar-lhes os resultados de nosso estudo? São cursos ou até semanas de estudo em que nós, teólogos/as, lhes transmitimos nossa reflexão teológica hora após hora e, de vez em quando, abrimos espaços para perguntas, as

quais dependem, logicamente, de sua capacidade de entrar em nosso mundo conceptual e usar nossas categorias de reflexão.

10. Se queremos comunicar as boas novas, devemos ter primeiro sensibilidade para tratar com maior seriedade os assuntos relacionados à vida espiritual. Confessamos que Deus está presente no meio dos pobres e de suas lutas, mas não tratamos essas lutas de forma espiritual. Já ouvimos uma vez que “os pobres não estão procurando o desencantamento de seu mundo, a racionalização de tudo, mas sim estão procurando o re-encantamento de seu mundo e de suas lutas”. E, para isso, receberam muito pouca ajuda de nossa parte. Erramos pelo exagero na racionalização, deixando pouco espaço para a mística, para o encantamento. Enquanto isso, os resultados políticos de conquista do poder foram insatisfatórios, a luta cotidiana para sobreviver se fez cada vez mais difícil, o desemprego, a falta de assistência médica, a violência foram se agudizando. As ideologias já não podiam nos responder. Surgiram então perguntas sobre o sentido e a esperança, sobre a presença e o poder de Deus na vida concreta. Ficamos devendo respostas que muitos foram encontrar nos movimentos pentecostais.

4. O que Podemos Aprender de Tudo Isso?

Isso deve ser resultado de uma reflexão coletiva com os pobres e com aqueles/as que ainda sentem o chamado ao compromisso do Deus da Vida. No entanto, arrisco-me a fazer algumas sugestões:

1. Devemos reafirmar nossa confissão de fé: nossa fé no Deus da Vida permanece. Apesar de tudo, temos fundamento para nossa teologia. Nosso Deus é o Deus da Vida. Aprendemos, no entanto, que nossa forma de crer não é a verdade suprema. Necessitamos, por isso, de muita abertura ecumênica. Não se trata de negar o que cremos, mas de saber que a forma como cremos pode, apenas, contribuir na construção do reino de Deus.

2. Temos defendido que a TdL se diferencia da teologia européia, porque aqui o nosso problema não é a secularização, nem o ateísmo, mas sim a idolatria. Os sistemas econômicos têm dentro de si teologias e ídolos. Esses ídolos e essas teologias chamam ao sacrifício, pedem o sangue dos mais fracos, falam que é preciso sofrer hoje para poder viver melhor amanhã. Em nossas denúncias temos sido por demasiado racionais para enfrentar esses ídolos. Deveríamos estar mais abertos para expressões da religiosidade popular sobre o papel da religião e da fé na luta contra o mal. Precisamos aprender isso no contato com o povo. Por isso, a visitação, o contato direto com as pessoas, conhecer seu mundo e o papel da fé nas suas vidas, isso tornou-se uma prioridade para quem quer pensar teologia hoje.

3. Reconhecemos e nomeamos a presença salvífica de Deus nas lutas popu-

lares, mas não temos conseguido oferecer uma experiência vital da presença e do poder de Deus na vida quotidiana daqueles/as com quem trabalhamos. Como conseguir isso?

4. Não fomos longe demais ao identificar o reino de Deus com projetos históricos particulares? Que significa para nós, comprometidos/as com o reino de Deus, viver sob o Espírito Santo (At 1.6-8)? Quem muda de Igreja hoje não muda por causa da doutrina, mas por causa da experiência com Deus que teve em determinada Igreja. Não deveríamos, então, dar mais peso à experiência com Deus do que à repetição de doutrinas?

5. Como administrar a diversidade da religiosidade popular de nossos membros? Que significa para o/a luterano/a ter uma imagem da Virgem em sua casa? ou um quadro de São Jorge?

6. Qual o espaço que temos em nossas celebrações para os desempregados que não conseguem emprego? para os doentes que têm dores, mas o especialista do SUS só pode atender no mês que vem? para a comunidade do interior onde os agricultores perderam tudo que haviam plantado com a chuva de granizo? para a família desesperada com o/a filho/a que está metido/a nas drogas? ...

Parece que temos cada vez mais perguntas. Mas, nesse novo processo, podemos ter a certeza de que estamos mais perto de Deus agora, não porque tenhamos melhorado, mas sim porque tivemos que descer, tivemos que relativizar, tivemos que reconhecer que sabemos muito pouco. Por isso, agora talvez possamos entender um diálogo da obra clássica da literatura espanhola, escrita por M. Cervantes, intitulada *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*.

— *Los perros ladran, mi señor! — dijo el fiel escudero.*

— *Ótimo, amigo Sancho. Es señal que avanzamos — respondió D. Quijote.*

P. Nilton Giese
Paróquia Evangélica de Ibirama
Caixa Postal 37
89140-000 Ibirama — SC